

## ESTUDO OBSERVACIONAL SOBRE HIV/AIDS EM INDIVÍDUOS ENTRE 13 E 19 ANOS DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ (PR)

### Natália Scaneiro Sardinha

Discente de Medicina no Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR), Maringá (PR), Brasil.

E-mail: [natalia.s.b.sardinha@gmail.com](mailto:natalia.s.b.sardinha@gmail.com)

### Maria Isabel Guilhem Santos

Discente de Medicina no Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR), Maringá (PR), Brasil.

### Simone Martins Bonafé

Docente no curso de Medicina no Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR), Maringá (PR), Brasil; Doutora em Infectologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) com período co-tutela em Universidade Federal de São Paulo

**RESUMO:** Com o início cada vez mais precoce da vida sexual, os adolescentes são considerados um grupo com alto risco de exposição às doenças sexualmente transmissíveis, sendo crescente o número de casos notificados anualmente na faixa etária entre 13 e 19 anos. Assim, o objetivo desse estudo foi analisar o nível de conhecimento e prevenção de HIV em jovens entre 13 a 19 anos da região metropolitana de Maringá - Paraná. Os dados foram obtidos a partir da aplicação de um questionário contendo nove questões com dados sociodemográficos, características comportamentais e sexuais, características e fatores de risco para aquisição de DSTs. A pesquisa foi realizada com 200 participantes, sendo 44% do sexo masculino e 56% do sexo feminino. Dos entrevistados, 57% relataram ter vida sexual ativa e, destes, 50% declararam fazer uso de preservativo regularmente. Constatou-se que apenas 13,5% dos entrevistados responderam corretamente sobre as diferentes formas de transmissão do HIV, sendo maior o conhecimento em relação à transmissão por sexo e sangue.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescentes; AIDS; Comportamento Sexual; HIV; Prevenção.

### OBSERVATIONAL STUDY ON HIV/AIDS IN 13-19-YEAR-OLD PATIENTS IN MARINGÁ, BRAZIL

**ABSTRACT:** Owing to increasingly early sexual activities, adolescents are a high risk group exposed to sexually transmitted diseases. In fact, there is an annual increase in notified cases for 13 – 19-year olds. Current analysis investigates information and prevention levels of HIV in 13 – 19-year-old young people in the metropolitan region of Maringá PR Brazil. Data were retrieved from a nine-question questionnaire comprising sociodemographic data, behavioral and sexual characteristics, characteristics and risk factors for STDs. Further, 57% of the 200 interviewed, 44% males and 56% females, reported an active sexual behavior, whereas 50% admitted the regular use of the condom in sexual intercourse. Only 13.5% of the interviewed people replied correctly to questions on the different HIV transmission forms, with a better knowledge on its transmission by intercourse and blood.

**KEY WORDS:** Adolescents; AIDS; sexual behavior; HIV; Prevention.

### INTRODUÇÃO

O último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde demonstrou que houve um registro de mais de 600 mil casos de AIDS entre os anos de 1980 e 2011. Analisando-se a faixa etária em ambos

os sexos, observa-se que a doença tem maior incidência entre 25 e 49 anos de idade. Entretanto, é curiosa a análise da razão de sexos em jovens de 13 a 19 anos, pois é a única faixa etária em que há predomínio do número de casos entre as mulheres em relação aos homens (BRASIL, 2012).

Assim, buscou-se analisar os dados do Ministério da Saúde a respeito dos casos identificados entre 2000 e 2012 em indivíduos entre 13 e 19 anos no município de Maringá, no Estado do Paraná e no Brasil. Não foram encontrados registros no DATASUS da cidade de Maringá a respeito dos dados buscados (BRASIL, 2013).

Analisando-se os dados entre 2000 e 2012, pôde-se observar que não houve um padrão específico no número de casos de AIDS que surgiram no Paraná nos indivíduos entre 13 e 19 anos. No decorrer desse período, o número de novos casos sofreu aumentos e quedas relevantes, atingindo um pico em 2002 com 48 casos identificados e um número mínimo de 16 casos nos anos de 2005 e 2006. O último registro do Ministério da Saúde indica que em 2012 foram identificados 23 casos no Estado do Paraná, com decréscimo em relação ao ano anterior (BRASIL, 2013).

Ao observar os dados do Brasil, a mesma falta de padrão foi encontrada na análise da população entre 13 e 19 anos de idade. Nos 13 anos pesquisados, houve aumento no número de casos identificados entre 2000 e 2003, passando de menos de 30 mil para mais de 36 mil casos, seguido por uma queda a partir de 2004 que durou até 2006. Após este período, houve irregularidade nas curvas de registro do número de casos, ocorrendo uma queda abrupta entre 2011 e 2012, passando de quase 40 mil para menos de 20 mil casos identificados (BRASIL, 2013).

Deste modo, diante da peculiaridade dos dados obtidos através do DATASUS, como a irregularidade no número de casos e a falta de dados epidemiológicos do município de Maringá, entende-se ser necessário um estudo nos indivíduos entre 13 e 19 anos da região para obter dados mais precisos a respeito da situação da população-alvo em relação à doença.

Um ponto importante é o desconhecimento do que os adolescentes realmente sabem da doença e onde eles aprendem sobre isso. A falta de conhecimento ou

até o conhecimento transmitido erroneamente podem prejudicar a saúde dos jovens que estão passando pela fase de iniciação sexual (MARTINI, 2003).

Deve ser frisado que pouco sabemos sobre as práticas e conhecimentos dos jovens menores de 15 anos, já que a maioria dos trabalhos tem a faixa etária estudada acima dos 15 anos, e com a iniciação sexual ocorrendo cada vez mais cedo, estes jovens se tornam muito vulneráveis ao contágio do HIV pela sua falta de conhecimento (SILVA, 2005).

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizado estudo epidemiológico com delineamento transversal entre maio e setembro de 2013. A população estudada foi composta por 200 jovens entre 13 e 19 anos da região metropolitana de Maringá (PR). Procurou-se sensibilizar os participantes assegurando o anonimato, sigilo das respostas e o caráter voluntário da participação na pesquisa.

O instrumento de pesquisa continha nove perguntas com dados sociodemográficos (idade e sexo), características comportamentais e sexuais (vida sexual ativa, número de parceiros sexuais e uso de preservativo), além de informações adicionais sobre características e fatores de risco para aquisição de doenças sexualmente transmissíveis.

Os dados foram obtidos utilizando-se questionário autoaplicável nas escolas e em ambiente *on-line* após aprovação da Comissão de Ética em Pesquisa.

O questionário foi aplicado de duas formas diferentes, a fim de abranger uma população variada: (1) através da *Internet*, utilizando-se o serviço *Google Docs* para obter as respostas; e (2) em sala de aula, no Colégio Estadual do Jardim Independência, em Sarandi (PR). O tempo médio de aplicação foi de 15 minutos, incluindo o tempo com as instruções dadas pelos pesquisadores.

A seleção foi feita de forma aleatória e, além disso, o questionário foi composto por questões fechadas, as quais foram agrupadas e codificadas para serem analisadas pelo *software Statistic Package for the Social Sciences (SPSS)*.

### 3 RESULTADOS

A pesquisa envolveu 200 jovens da região metropolitana de Maringá, da faixa etária de 13 a 19 anos de idade (Tabela 1), de ambos os sexos, sendo 56% do sexo feminino e 44% do sexo masculino. Dos entrevistados, 68,5% eram de escola pública e 30,5% estudavam em escola particular.

**Tabela 1.** Porcentagem de participantes distribuídos de acordo com a faixa etária (n=200)

| Idade   | %     | Frequência (n) |
|---------|-------|----------------|
| 13 anos | 7%    | 14             |
| 14 anos | 27%   | 54             |
| 15 anos | 11%   | 22             |
| 16 anos | 7,5%  | 15             |
| 17 anos | 8,5%  | 17             |
| 18 anos | 20,5% | 41             |
| 19 anos | 18,5% | 37             |

Considerando ambos os sexos, 57% dos entrevistados tinham vida sexual ativa, dentre os quais 50% relataram fazer uso de preservativo sempre, 38,6% usam preservativo ocasionalmente e 11,4% não fazem uso de preservativo. Em relação ao uso de preservativo na última relação sexual, 73,7% dos jovens afirmaram tê-lo feito e 26,3% negaram seu uso. Ainda, 12,2% relataram ter tido mais de três parceiros nos últimos seis meses.

Em relação ao exame de sorologia para HIV, 13,5% afirmaram já ter realizado o teste para HIV, sendo que 82,1% dos exames foram feitos no último ano. Em relação ao conhecimento sobre formas de transmissão do HIV, 13,5% dos candidatos responderam o questionário corretamente, sendo sexo (95,5%) e sangue (77,5%) as respostas encontradas com mais frequência, conforme visto na Tabela 2.

**Tabela 2.** Principais perguntas sobre o modo de transmissão do HIV e percentuais de respostas

| Pergunta                          | %     |
|-----------------------------------|-------|
| Sexo                              | 95,5% |
| Sangue                            | 77,5% |
| Compartilhar seringas e agulhas   | 69,5% |
| Mãe para filho durante a gravidez | 55,5% |

|                               | (conclusão) |
|-------------------------------|-------------|
| Amamentação                   | 26%         |
| Beijo                         | 7%          |
| Picada de mosquito            | 6,5%        |
| Compartilhar talheres e copos | 5,5%        |
| Assento sanitário             | 5,5%        |
| Assento de ônibus             | 1%          |
| Suor                          | 0,5%        |

Analisando-se os indivíduos com vida sexual ativa por faixa etária, percebeu-se que o uso de preservativo era menos relatado entre jovens de 19 anos (58,6% afirmavam usar) em relação às demais faixas etárias.

Comparando-se o uso de preservativo na última relação sexual e a realização do exame para HIV, verificou-se que 24,7% dos jovens não usaram preservativo na última relação sexual e não fizeram exame para HIV, enquanto que 33,3% não usaram preservativo na última relação sexual e afirmaram ter realizado o teste para HIV.

Levando em conta apenas o sexo masculino, dentre as pessoas com vida sexual ativa, 42,3% fazem o uso consistente do preservativo e 75% relataram seu uso na última relação sexual. Já no sexo feminino, o uso consistente do preservativo foi apontado por 56,4% das mulheres com vida sexual ativa, sendo seu uso na última relação sexual relatado por 72,5% das participantes.

Em relação aos jovens promíscuos (segundo a classificação da OMS, promíscuos são os indivíduos que tiveram mais de 03 parceiros sexuais nos últimos 6 meses), 71,4% afirmaram fazer uso de preservativo ocasionalmente, dos quais 14,3% negaram ter feito uso de preservativo na última relação sexual. Ainda analisando os jovens promíscuos, 42,8% relataram ter feito exame para HIV, sendo que 83,3% o fizeram no último ano.

### 4 DISCUSSÃO

Diversos estudos demonstram que o início cada vez mais precoce da vida sexual dos adolescentes associa-se à falta de proteção durante a relação sexual e ao maior número de parceiros ao longo da vida (SHAFII; STOVEL; HOLMES, 2007). Granero, Poni e Sánchez (2007) afirmam que a precocidade da primeira relação sexual acarreta em graves consequências para a saúde dos adolescentes, sendo que a falta de proteção durante a relação sexual

pode levar, além da infecção por DST, a uma gravidez indesejada.

A última Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012), realizada com 109.104 estudantes entre 13 e 15 anos de idade, revelou que 28,7% dos escolares já haviam iniciado a vida sexual. Essa porcentagem apresenta grande variedade quando se comparam diferentes estudos acerca do assunto.

Martini e Bandeira (2003) investigaram 121 adolescentes de menos de 12 anos a 19 anos de idade, e constataram que 22,3% já haviam tido relação sexual. Borges e Schor (2005), por sua vez, desenvolveram um trabalho com 406 jovens entre 15 e 19 anos, dos quais 46,1% afirmaram ter iniciado sua vida sexual. No estudo de Cruzeiro et al. (2010), com adolescentes entre 15 e 18 anos da cidade de Pelotas (RS), essa porcentagem subiu para 53,4% dos jovens entrevistados. No presente estudo, a proporção é ainda maior, sendo que 57% dos entrevistados afirmaram possuir vida sexual ativa.

Essa grande variedade de dados provavelmente relaciona-se com o fato de que o comportamento sexual está ligado a diversos outros fatores e não somente à faixa etária. As experiências dos jovens diferenciam-se pelas diferenças de níveis socioeconômicos, questões de gênero e diversidade étnica. A multiplicidade de contextos socioculturais e as condições objetivas de vida de cada adolescente são aspectos que devem ser levados em consideração quando feita a análise de tais variáveis (LIEBESNY; OZELLA, 2002).

Além do início precoce da vida sexual, estudos sugerem que a multiplicidade de parceiros e a desconsideração ao uso de preservativos nas relações sexuais são importantes comportamentos de risco para doenças sexualmente transmissíveis (SILVA et al., 2005). Enquanto Li et al. (2000), Antunes et al. (2002) e Trajman et al. (2003) afirmam que o comportamento sexual de risco compreende o não uso de preservativo nas relações sexuais e a multiplicidade de parceiros sexuais, outros estudos consideram apenas o uso de preservativo como critério para o comportamento sexual de risco (DICLEMENTE et al., 1992; DEKIN, 1996; TAMAYO et al., 2001).

Em relação ao uso consistente de preservativos, o presente estudo encontrou resultados acima do

observado em vários outros estudos, sendo que metade dos jovens com vida sexual ativa afirmou utilizar o preservativo em todas as relações sexuais.

No trabalho de Silva et al. (2005), realizado com adolescentes de 15 a 19 anos no Estado de Goiás, do total de entrevistados, 55,6% relataram uso regular de preservativos, sendo que os homens apresentaram maior porcentagem (64%) quando comparados às mulheres (47,2%). A baixa proporção de uso de preservativos entre as mulheres também foi encontrada por Vieira et al. (2004) que, em estudo com 914 adolescentes do sexo feminino com idade de 15 a 19 anos, constataram o uso consistente de preservativo por somente 20,5% das adolescentes com vida sexual ativa. Esse uso inconsistente que ocorre entre jovens do sexo feminino está fortemente associado ao uso de contraceptivos hormonais, demonstrando que a principal preocupação das adolescentes é prevenir a gravidez indesejada, vista como uma ameaça mais próxima do que as DSTs ou a AIDS.

No estudo de Taquette et al. (2005) com 251 adolescentes de 12 a 19 anos que procuraram atendimento médico no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NESA-UERJ), das 161 entrevistadas com vida sexual ativa, 69,5% afirmaram não fazer uso consistente de preservativo ("nunca/às vezes"), sendo que essa porcentagem apresentou-se maior nas jovens portadoras de DST, chegando a 80,3%.

Trajman et al. (2003), em estudo realizado com 945 estudantes do ensino médio do Rio de Janeiro, constataram que, apesar de 94% dos entrevistados demonstrarem conhecimento sobre o uso de preservativos como método de proteção contra o HIV, apenas 34% relataram fazer seu uso de forma consistente. Segundo os autores, algumas variáveis associadas com o uso inconsistente do preservativo incluem baixa renda familiar, idade acima de 15 anos e déficit de aulas sobre DST/AIDS na escola, o que contradiz a PeNSE 2012, que mostrou que 89,1% dos escolares afirmaram ter recebido informações sobre DST e AIDS no colégio.

No que diz respeito ao uso de preservativo na última relação sexual, os resultados obtidos no presente estudo, em que 73,7% dos entrevistados afirmaram tê-lo feito, condizem com os dados obtidos na PeNSE 2012,

que revelaram que 75,3% dos escolares afirmaram ter usado preservativo na última relação sexual.

Teixeira et al. (2006) encontraram que o uso de preservativo na última relação sexual foi de 38,8% para as mulheres e 56% entre os homens, sendo o uso do anticoncepcional oral associado, novamente, a essa baixa porcentagem entre as jovens. Borges e Schor (2005) constataram que, apesar de haver maior utilização de métodos anticoncepcionais quando comparadas a primeira e última relação sexual, o tipo de método utilizado diferencia-se ao longo do tempo, sendo que as mulheres possuem uma tendência de substituir o preservativo por métodos hormonais, enquanto os homens persistem utilizando o preservativo.

Em relação ao conhecimento sobre a forma de contágio do HIV, observamos que apenas 13,5% têm conhecimento pleno sobre o assunto e que muitos mitos ainda permanecem como verdade para os adolescentes. No estudo de Martini e Bandeira (2003), afirma-se que:

Para 16,3% a transmissão do HIV ocorre usando banheiro, piscinas ou sauna; 29,1% responderam que acontece transmissão através da saliva; para 1,8% o HIV é transmitido através de roupas de cama; 14,7% responderam que isso acontece através do uso de talheres, copos, pratos e outros utensílios; 4,0% responderam que o HIV é transmitido através do suor ou lágrima e 12,6% responderam que o HIV é transmitido através do convívio com alguém que tenha o vírus, abraçando, beijando, apertando a mão.

Em contrapartida observamos que apenas 0,5% de nossos entrevistados pensavam que o vírus era transmitido por suor, 1% em assento de ônibus, 5,5% em assento sanitário; em comparação com o artigo supracitado a porcentagem dos jovens que pensa que o vírus se pega por saliva caiu substancialmente de 29% para apenas 7% no presente estudo. Outro dado que percebemos um decréscimo foi em relação à transmissão por talheres e copos de 14,7% para 5,5%. Não sabemos se o decréscimo é em relação ao aumento de informação por campanhas educacionais pelo governo ou pela região onde foi feita a pesquisa.

Como vimos, os alunos têm noção de como se adquire a doença, mas não têm pleno conhecimento sobre as formas de contágio do vírus da AIDS, por isso deve-se reforçar a educação sexual para jovens que não foram iniciados sexualmente e os já ativos, para que tenham maior esclarecimento sobre a doença. Essas informações diminuiriam também o preconceito para com os portadores da doença, pois quanto maior a informação, os alunos perceberão que o contágio por essa doença não se dá por um simples aperto de mão ou por picada de mosquito como outras viroses, e sim por contato sexual, sangue contaminado e da mãe para o bebê.

Segundo dados da Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira (PCAP), 36,5% da população brasileira sexualmente ativa de 15 a 64 anos realizou o teste de HIV pelo menos alguma vez na vida; dentre os entrevistados 46% das mulheres já havia realizados o exame, enquanto apenas 27% dos homens haviam realizado. A faixa etária que mais realiza o teste é a de 25 a 34 anos, com poder aquisitivo elevado, com relacionamento estável e maior nível de escolaridade. O nível de testes mais elevados para as mulheres é maior, pois o exame sorológico faz parte da rotina do pré-natal. Em nosso estudo apenas 13,5% dos jovens fizeram o exame, entre eles 82% no último ano representando um dado muito preocupante já que na faixa etária estudada os casos de AIDS vêm aumentando vertiginosamente.

Os motivos que levam a população a realizar o exame, principalmente entre as mulheres, incluem a curiosidade, associada principalmente à identificação de algum comportamento de risco, o pré-natal e a doação de sangue, quando o exame é realizado.

No estudo de Perlini et al. (2002), sobre o conhecimento dos alunos ingressantes na UNIJUÍ, a transmissão vertical foi reconhecida por 80,0% dos participantes. Coelho et al. (2012), avaliando 50 estudantes universitários, encontraram que 94% dos estudantes tinham conhecimento sobre a transmissão da mãe soropositiva para o bebê durante a gravidez ou o parto.

Segundo dados do Ministério da Saúde (2011), a taxa de transmissão vertical vem reduzindo gradativamente, caindo de 16% em 1997 para 6,8% em 2004. Como consequência, a incidência de AIDS em

crianças com idade menor que cinco anos diminuiu de 5,4 para 3,0 casos por 100 mil habitantes entre os anos 2000 e 2009. Entretanto, no presente estudo, os resultados obtidos sobre o conhecimento dos jovens ficou aquém das demais pesquisas, sendo que apenas 55,5% dos pesquisados apontaram a via placentária como forma de transmissão do HIV.

Ainda que a maioria dos adolescentes tenha conhecimento sobre as formas mais comuns de transmissão do HIV (sexo e sangue), percebe-se grande desconhecimento sobre maneiras menos debatidas e/ou divulgadas de transmissão como, por exemplo, a transmissão materno-fetal durante a amamentação.

O estudo de Brêtas et al. (2009) revelou que 100% dos estudantes entrevistados não tinham conhecimento sobre a transmissão através da amamentação, enquanto que os resultados encontrados por Coelho et al. (2012) mostraram que 60% dos alunos citaram a via da amamentação como fonte transmissora. No presente estudo, pudemos constatar que apenas 26% dos jovens entrevistados afirmaram ser possível contaminar-se através da amamentação, mostrando grande desconhecimento sobre essa forma de transmissão na população jovem.

No estudo feito por Silva et al. (2005), com adolescentes de baixa renda da região metropolitana de Goiânia, foi constatado que os entrevistados tinham uma média de quatro parceiros sexuais; felizmente, em nosso estudo, apenas 12,2% dos adolescentes tiveram mais de três parceiros sexuais nos últimos seis meses. Observamos em nosso estudo que quanto mais parceiros sexuais os entrevistados possuíam, maiores eram as taxas de uso de preservativo na última relação, mostrando uma preocupação maior em relação a doenças e gravidez indesejada. Em nosso estudo tivemos uma grande dificuldade de aplicar os questionários nos colégios da cidade pelo tema abordado na pesquisa. Os diretores alegavam que os pais não seriam a favor de aplicar o questionário, pois a palavra sexo estava presente e que a faixa etária abordada não entenderia o propósito das perguntas. Outro ponto abordado pelos professores foi que a religião de alguns alunos não permitiria falar sobre o assunto nas salas de aula. Esse fato não deveria acontecer, pois como analisado por Silva (2003), a primeira experiência sexual dos jovens entrevistados

por ele foi de 14,9 anos, o que mostra que a faixa de estudo analisada pelo presente estudo deve ser instruída e muito bem informada sobre as práticas sexuais, como uma DST é transmitida e como esta pode ser prevenida, ao contrário do que muitos pais e coordenadores de instituições educacionais pensam.

## 5 CONCLUSÃO

A partir desse estudo percebemos que os adolescentes possuem uma certa quantidade de informações sobre HIV/AIDS e suas formas de contágio, portanto muitos mitos permanecem como verdades e algumas formas de transmissão são quase desconhecidas como é o caso da transmissão pelo aleitamento materno. A maioria dos jovens (95,5%) sabe que pode haver o contágio por sexo desprotegido, por contato com sangue contaminado (77,5%) e por compartilhamento de seringas e agulhas (69,5%).

Quanto ao uso de preservativo, observamos que a maioria costuma fazer uso rotineiro, mas que essa taxa vai diminuindo conforme a idade vai avançando seja por maior taxa de relacionamentos fixo, confiança no parceiro ou por vergonha de impor o uso pelo parceiro. Mais da metade dos jovens indagados era ativo sexualmente (57%), mas apenas um oitavo desses jovens havia tido relação com mais de três pessoas nos últimos seis meses, indicando que muitos têm parceiros fixos. Outro dado interessante sobre a sexualidade é que os jovens mais promíscuos eram os que mais faziam o uso do preservativo, indicando que estes tinham conhecimento que o preservativo protegia contra doenças e concepções indesejadas.

Para melhorar o panorama de conhecimento dos jovens devemos informar, principalmente, os jovens que ainda não tiveram um contato sexual, pois estes normalmente são os mais jovens, ainda não têm o conhecimento pleno sobre as doenças e são muito vulneráveis ao contágio de uma doença sexualmente transmissível. Devemos deixar de lado qualquer preconceito e vergonha do ensino sexual e promover em maior escala essa disciplina, para prevenir que os jovens da atualidade, por falta de conhecimento se contaminem

com uma doença que pode ser facilmente prevenida e também que comecem uma família sem nenhuma estrutura.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. C.; PERES, C. A.; PAIVA, V.; STALL, R.; HEARST, N. Diferenças na prevenção da AIDS entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. *Rev Saúde Pública*, v. 34, supl. 4, p. 88-95, 2002.
- BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. *Cad Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 499-507, abr. 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em: 07 nov. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS**. Disponível em: <<http://www2.aids.gov.br/cgi/deftohtm.exe?tabnet/pr.def>>. Acesso em: 26 jul. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013, 256p. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico Aids e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 60p. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2012/52654/boletim\\_2012\\_final\\_1\\_pdf\\_21822.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2012/52654/boletim_2012_final_1_pdf_21822.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 126p. Disponível em: <[http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa\\_conhecimentos\\_atitudes\\_praticas\\_populacao\\_brasileira.pdf](http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_conhecimentos_atitudes_praticas_populacao_brasileira.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2013.
- BRÊTAS, J. R. S.; OHARA, C.V.S.; JARDIM, D.P.; MUROYA, R.L. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. *Rev Esc Enferm USP*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 551-557, set. 2009.
- COELHO, M. T. A. D. et al. Informações sobre o HIV/AIDS e o comportamento de estudantes universitários. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 5, 2012, Salvador. **Repositório Institucional**. Salvador: UFBA, 2012, p. 1-11.
- CRUZEIRO, A. L. S.; SOUZA, L.D.M.; SILVA, R.A.; PINHEIRO, R.T.; ROCHA, C.L.A.; HORTA, B.L. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciênc Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1149-1158, jun. 2010.
- DEKIN, B. Gender differences in HIV-related self-reported knowledge, attitudes, and behaviors among college students. *Am J Preventive Med.*, v. 12, supl. 1, p. 61-66, 1996.
- DiCLEMENTE, R. J. Determinants of condom use among junior high school students in a minority, inner-city school district. *Pediatrics*, v. 89, n. 2, p. 197-202, fev. 1992.
- GRANERO, R.; PONI, E. S.; SÁNCHEZ, Z. Sexuality among 7th, 8th and 9th grade students in the state of Lara, Venezuela. The Global School Health Survey, 2003-2004. *Puerto Rico Health Science Journal*, Puerto Rico: University of Puerto Rico, Medical Sciences Campus, v. 26, n. 3, p. 213-219, set. 2007.
- LI, X.; STANTON, B.; COTTRELL, L.; BURNS, J.; PACK, R.; KALJEE, L. Patterns of initiation of sex and drug-related activities among urban low-income African-American adolescents. *J Adolesc Health*, v. 28, n. 1, p. 46-54, jan. 2001.
- LIEBESNY, B.; OZELLA, S. Projeto de vida na promoção de saúde. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H.; BARROS, M. N. S. **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 62-69.

- MARTINI, J. G.; BANDEIRA, A. S. Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. **Rev Bras Enferm.**, Brasília, v. 56, n. 2, p. 160-163, abr. 2003.
- SHAFIL, T.; STOVEL, K.; HOLMES, K. Association between condom use at sexual debut and subsequent sexual trajectories: a longitudinal study using Biomarkers. **Am J Public Health**, v. 97, n. 6, p. 1090-1095, jun. 2007.
- SILVA, P.D.B.; OLIVEIRA, M.D.S.; MATOS, M.A.; TAVARES, V.R.; MEDEIROS, M.; BRUNINI, S.; TELES, S.A. Comportamentos de riscos para as doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes escolares de baixa renda. **Rev Electr Enf.**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 185-189, 2005.
- TAMAYO, Á.; LIMA, A.; MARQUES, J.; MARTINS, L. Prioridades axiológicas e uso de preservativo. **Psicol Reflex Crít.**, v. 14, n. 1, p. 167-175, 2001.
- TAQUETTE, S. R.; ANDRADE, R. B.; VILHENA, M. M.; PAULA, M. C. A relação entre as características sociais e comportamentais da adolescente e as doenças sexualmente transmissíveis. **Rev Assoc. Med Bras.**, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 148-152, maio/jun. 2005.
- TEIXEIRA, A. M. F. B.; KNAUTH, D.R.; FACHEL, J. M. G.; LEAL, A. F. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, jul. 2006.
- TRAJMAN, A.; BELO, M.T.; TEIXEIRA, E.G.; DANTAS, V.C.S.; SALOMÃO, F.M.; CUNHA, A.J.L.A. Conhecimento sobre DST/AIDS e comportamento sexual entre estudantes do ensino médio no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 127-133, jan./fev. 2003.
- VIEIRA, M. A. S.; GUIMARÃES, E.M.B.; BARBOSA, M. A. et al. Fatores Associados ao Uso do Preservativo em Adolescentes do Gênero Feminino no Município de Goiânia. **J Bras Doenças Sex Transm**, v. 16, n. 3, p. 77-83, 2004.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO. **Global Hiv/Aids response**: epidemic update and health sector progress towards universal. Disponível em: <<http://www.gcsnet.com.br/camis/civitas>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

*Recebido em: 10 de setembro de 2014*

*Aceito em: 03 de março de 2015*